

humanitas

Vol. LIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. LIII • MMI



OS NOMES DE “ILHA” E “PENÍNSULA” NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

FRANCISCO J. VELOZO
Academia Portuguesa de História

Em breve estudo publicado no vol. L tomo I (1998), pp. 241-244, desta revista, de homenagem ao Professor Dr. José Galdes Freire, estudo intitulado *Asta Regia*, aludimos de passagem aos nomes de “ilha” e “península” na Antiguidade Clássica. Agora alguns esclarecimentos¹.

O grego νῆσος (nêsos), ático, dórico νᾶσος (nâsos) e ródico νᾶσσοσ (nâssos) tinha os dois significados. Posteriormente, pela necessidade de os distinguir geograficamente, formaram os Gregos com χέρσος (khêrsos), “continental, de terra firme”, e νῆσος, propriamente “ilha”, a palavra composta χερσόνησος (khersónesos), “península”. João Franco Barreto (1600-d. 1674), comentando os *Lusíadas* 7, 18, explica que os dois elementos, que compõem esta palavra, significam respectivamente “terra” e “ilha”, porquanto, diz, ‘a ilha é toda cercada em derredor de água, e a península é per algũa parte conjunta a ãa terra firme’ — entenda-se, um continente. E pondera que, sempre que tal nome pertence a um topónimo, os que pretendem localizá-lo ‘costumam acrescentar-lhe um epíteto per onde seja conhecida, como [Quersoneso] Táurica, a Trácia, a Cíntia e a Áurea’².

Deste modo, julgamos que o termo “quersoneso” (na ortografia etimológica antiga “chersoneso”) deve ser escrito com minúscula inicial, como

¹ Nesse artigo saíu uma gralha que perturba o sentido do texto. Na página 242, linha 13ª, onde se diz: *esta ilha*, e não *a península*, devia estar: *esta península*, e não *ilha*, etc. As outras gralhas são facilmente detectáveis, como *Oceano Atlântido* por *Oceano Atlântico*, na 2ª linha..

² Cfr. a ed. actualizada: João Franco Barreto, *Micrologia Camoniana*, pref. de Aníbal Pinto de Castro, leitura e integração do texto (de 1672) por Luís Fernando de Carvalho Dias e Fernando F. Portugal, Lisboa, 1983, p. 200, vb. “Chersoneso”.

substantivo comum, nas edições modernas dos *Lusiadas* 7, 18, 8. Camões escreveu, aludindo ao Subcontinente Indiano, ou Península Hindustânica:

“...Os rios cuja grã corrente morre
No Mar Índico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o *quersoneso*”.

Da mesma forma os Latinos, tendo *insula* — cujo étimo, algo obscuro, se aventa ser o arcaico **en salos*, ou seja, *in salo* (“no mar alto”), através dum suposto **insulus*, cujo feminino seria *insula* — com o mesmo duplo sentido de “ilha” e “península”, tiveram necessidade de distinguir as duas coisas. Assim, antepondo *paene*, “quase”, a *insula*, criaram o composto *paeninsula* para o último significado.

Em Sófocles (*Édipo em Colono*, 696) lemos: ἐν τῇ μεγάλῃ Δωρίδι νάσσῳ Πέλοπος (en tá[i] megála[i] Dôrídi násô[i] Pélopos), “na grã dórica península de Pélops”, (ou Pélope). Com os dois últimos termos νῆσος, na forma ática, se formou o nome do Peloponeso, em grego Πελοπόννησος (Pelopónnesos).

Avieno, em seu poema geográfico *Ora Marítima*, serviu-se confessadamente do périplo de Himilcão, o enviado pelos Sufetas de Cartago a explorar as costas europeias do Atlântico e do Mediterrâneo, enquanto o seu compatriota Hanão era mandado explorar as da África Ocidental, deixando-nos também o seu périplo em grego, língua franca da Ecúmene. Em grego escreveu Himilcão igualmente, como o revelam as formas helénicas de topónimos e gentílicos que Avieno passou a latim, designadamente ao falar, em estreita correspondência ao dito por Sófocles, na *insula* de Pélope, no país dos Gregos (vv. 153--154):

...*Pelapis insulam*
*Graiorum in agro*³

³ Cfr. Francisco J. Veloso, *Atlântida, mito ou realidade?*, II. *Geografia e Geologia*, Braga, 1992, separ. De “Bracara Augusta”, vol. XLI, pp. 484-488 e 495-497 (n.ºs 5b-c e 6c).